

# Histórias que eu gostaria de ler

Alcan



edições dissidentes

**Histórias que eu  
gostaria de ler**

*Alcan*

edições dissidentes

2021

*Capa e projeto gráfico: Pan (@agri.doce\_\_)*

*Preparação: Alcan*

*Revisão: Analice Palombini*

*Versão digital: Pi Costa (@multitrete)*

*Narração em áudio: Dandaru Cordeoli (@bumbumdandan)*

*1ª edição - 2021*

*1.Contos 2.Ficção 3.Transgeneridade 4.LGBT I. Título*

*ISBN: 978-65-00-29053-0*

*edições dissidentes*

*edissidentes.wordpress.com*

*edissidentes@gmail.com*

*Instagram: @edissidente*

*Twitter: @edissidente*

*Copyleft*

*Todos os direitos revertidos, todas propriedades coletivas.*

*Isso significa que você pode copiar, traduzir e até modificar essa obra, desde que faça referência a autoria, vinculando o link do original, e a distribuição seja sem fins lucrativos.*

*deserdar o gênero designado ao nascer  
nem todo mundo aceita perder herança  
mas poucos, muito poucos  
realmente cumprem todos os pré-requisitos exigidos para  
herdá-la  
menos ainda podem ser felizes com isso  
nós somos força, fluidez, movimento  
para acolher nossos corpos, mentes, dores  
tudo junto  
é o que eles temem  
que muitos outros ainda, tantos, incontáveis  
deserdem  
desordem  
desatem*

Índice:

<i>Bonecas que dirigem carrinhos</i> .....	6
<i>A quem carregar possa</i> .....	15
<i>Fazer viver</i> .....	25
<i>Mão-boba</i> .....	33
<i>Baixando as brumas</i> .....	41
<i>Ivan da novela</i> .....	59
<i>Para desobedecer</i> .....	62

## Bonecas que dirigem carrinhos

– Isso não é coisa de menina. – Era o refrão de minha vida.

A primeira vez que me lembro da frase, eu tinha entre três e quatro anos. Havia me encantado pelo carrinho que meu irmão mais novo ganhara de aniversário de duas primaveras. Estava tentando alcançá-lo. Meu irmão, de verdade, não parecia estar ligando, ou mesmo se importar com o tal carrinho. Acho que ele nem se considerava exatamente um menino, ou meu oposto. Era pouco mais que um bebê. Na minha cabeça, nossa diferença era muito mais de tempo de existência no mundo do que de gênero.

Meus pais, porém, explicaram que aquilo não era brinquedo para alguém como eu e me entregaram uma das minhas bonecas. Senti decepção. Não que eu não gostasse de minhas bonecas. Elas, inclusive, podiam ser bem versáteis, pois, sendo plástico moldado em forma humana, permitiam que eu inventasse diversas origens, trajetórias, poderes, experiências e caminhos para elas, cada vez que fosse brincar. Apenas queria poder variar um pouco. Meu irmão começou a chorar por motivos que desconheço e minha mãe colocou o carrinho bem alto, longe do nosso alcance.

A minha flexibilidade em relação a gostar das roupas, objetos e afazeres que me eram permitidos, todavia, foi inversamente proporcional ao meu crescimento. Quando tinha sete anos e estava na escola, eu já era impossível. Gostava era de correr e ralar o joelho. Não sei o que acontecia, eu tinha muita energia. Amava futebol. Jogava sempre que podia. Se não fosse futebol, qualquer outro esporte, qualquer outra brincadeira, desde que fosse movimentada.

Meus pais continuavam tendo poder quase absoluto sobre mim. Muitas vezes, mandavam-me para a escola de saia. Frequentemente as professoras anexavam um bilhete, pedindo que então colocassem junto uma calça ou bermuda por baixo, porque eu aprontava demais, era incapaz de sentar-me direito e era inadequado para uma mocinha que já estava crescendo ficar mostrando a calcinha todo o tempo. O jargão de minha existência repetia-se:

– Isso não é coisa de menina.

Na minha pré-adolescência eu já havia entendido e, talvez, até aceitado, que meninas e meninos eram diferentes. Também, pudera, muito havia acontecido. Desde os oito anos de idade, era eu quem servia o café da manhã para meu irmão e lavava a louça do dia. Agora também era minha tarefa varrer a casa, pendurar as

roupas e, eventualmente, fazer o almoço. Meu irmão, que já estava com dez, não era responsável por absolutamente nada, nem por arrumar a própria cama. Além disso, na escola mesmo, a gente começava a ficar mais separado. Nem todos os meninos sentiam-se à vontade falando com meninas, parece que era um motivo pelo qual poderiam debochar de você. Ainda que eu continuasse jogando futebol com eles, meritocraticamente, afinal, eu estava entre os três melhores jogadores de nossa série, percebia que, às vezes, eles podiam ser bem desagradáveis:

– Ei, Jô, falaram que na verdade você nasceu com um pinto no meio das pernas, por isso que é tão boa de bola.

– Cala a boca, invejoso.

– Então é verdade. Vem aqui, deixa a gente ver.

Eu sempre era capaz de fugir, minhas pernas eram muito rápidas. De qualquer forma, era uma brincadeira, ainda que um pouco estranha. Eles eram meus amigos, eles consideravam-me parte da turma. Esses comentários, contudo, marcavam-me profundamente.

Conforme meus seios começaram a crescer, o poder de decisão dos meus pais sobre o que eu iria vestir foi um pouco abalado. Eu gritava e esperneava que não iria

usar nada apertado nem feminino nem que me matassem. Acho que eles não percebiam, meu pai era insensível demais para compreender universos alheios e minha mãe muito sem memória para lembrar como era ser jovem, que as camisetas largas nem eram um desafio de gênero. Eram simplesmente uma tentativa desesperada de caminhar na rua. Ouvia agora assédios de homens quase toda vez que estivesse a sós, às vezes, mesmo com meus pais, que agiam como se nada estivesse acontecendo. Eu já havia escutado sobre pedofilia, mas falavam que acometia poucas pessoas. Não metade dos adultos aleatórios que eu encontrasse na rua.

Eu tinha uma amiga, que morava mais ou menos na vizinhança. Meus pais gostavam que eu possuísse amigas, para não ficar tanto tempo assim com os meninos. A mãe dela estava sempre trabalhando e, de qualquer modo, não parecia muito apegada em detalhes. Um dia levei uma mochila de roupas para lá. A fim de evitar brigar tanto, comecei a sair com as roupas que meus pais queriam e, antes que muita gente pudesse me ver, trocava-me na casa de Luísa. Lá também que, um belo dia, pedi que ela cortasse meu cabelo bem curtinho. Era minha última cartada contra os assediadores de novinhas, assim eles não iriam poder saber o que eu era, não é mesmo? Apesar de não ter grande experiência,

o corte que Luísa fez realmente não ficou de todo ruim. Meus pais, todavia, não concordaram:

– Você apronta cada uma! Cabelo curto não é para você. Está de castigo. Acho que vamos ter que tirar essa menina do futebol com os garotos. É uma má influência para ela.

Eles deviam estar loucos se achavam que podiam me tirar do que eu considerava o motivo de minha existência. Minha sorte é que o futebol, a essas alturas, também já era popular entre meninas. Convenci algumas colegas a jogarem comigo na pracinha depois da escola. As que tinham ânimo e possibilidade de treinar bastante conseguiam ser tão boas quanto meu antigo time. Meus pais até estavam aceitando essa solução meio-termo, não fosse o escândalo da fofoca que se espalhou:

– A Jô é sapatão.

Não sei como isso começou. Não sei se foi pelo corte de cabelo, porque eu nunca tinha beijado nenhum cara, porque agora eu tinha algumas amigas, ou se meus antigos companheiros de time estavam agourando meu time novo. Sei que foi fulminante. Parecia que a escola toda, se não o bairro todo, falava disso. De alguma maneira era o que ocorria, porque chegou em meus pais.

– Isso não é coisa de menina. – Eles afirmaram.

A declaração gerou-me bastante confusão. Uma colega mais velha, um pouco de boa vontade, um pouco fazendo graça de mim, ao saber do falatório, havia me explicado que sapatão era a garota que beijasse outra garota. Depois perguntou se eu queria dar um beijo nela. Fiquei com medo e fui embora. De qualquer modo, parecia-me que era uma coisa bastante de menina, inclusive, somente de menina, pelo que ela tinha falado. Não entendia o raciocínio de meus pais. Eles continuaram em seu monólogo:

– Filha, você deve saber que uma menina, ao crescer, vai ser mulher e se casar com um homem. Daqui a pouco, quando você for mais velha, talvez comece a namorar rapazes. Agora isso de ser lésbica, isso não é de bom tom, entende? Sem falar que duas mulheres não podem ter filhos, não é mesmo?

Fiquei pensando que se meus pais não tivessem tido filhos, ou pelo menos, não tivessem me tido, provavelmente estariam bem mais satisfeitos, mas não disse nada.

– Então, você precisa contar para a gente, o que está acontecendo. Por que estão falando que você é sapatão?

– Eu não sei. – Eu realmente não sabia e, em exaustão, comecei a chorar.

Não sei se meus pais acreditaram que eu não tinha culpa ou que eu me arrependia, porém eles tentaram uma abordagem mais a longo prazo que o castigo: ter aulas de balé e pintar as unhas semanalmente. Achava que balé era onde os pais que tivessem dinheiro colocavam as crianças pequenas que tinham o azar de nascer com vagina e não uma pessoa de treze anos como eu. Contudo, eu tinha sorte, a professora de dança era muito boazinha e deixava eu ensaiar de calça e camiseta. Ela também disse que, se eu continuasse nas aulas, seria ótimo, pois faltavam alunos para fazer os papéis masculinos nas apresentações. Minhas unhas pintadas mal duravam um dia de lavagem de louças e, se me incomodavam, eu arrancava os restos do esmalte preto que comprei no mercado com os dentes.

Quanto mais eu crescia, porém, mais em pânico meus pais pareciam e menos maneiras de tentar mudar-me eles encontravam. Os papos das outras jovens sobre rapazes atraentes e romances não me interessavam em nada. Qualquer roupa que não fosse calça ou bermuda que aparecesse em meu armário era imediatamente doada para o brechó da igreja. Não faltava muito para terminar o ensino médio, e meus pais nem quiseram escutar minha vontade de jogar futebol profissionalmente. Propus,

então, fazer técnico em mecânica, mas meu pai me explicou, como se fosse uma novidade, que isso não era coisa de menina. Haveria somente homens na turma e já seria estranhíssimo eu estar lá junto, imagina só se iriam me contratar depois.

Um dia meus colegas apareceram com uma cachaça logo depois da escola e, após provar alguns goles fortes daquilo misturado com refrigerante, percebi, em pânico, que já estava fazendo uns cinco minutos fitando a boca de minha colega Amanda, pensando em como seus lábios eram bonitos. Essa ideia, mesmo que sutilmente associada ao meu passado de sapatão, perturbou-me de tal modo que fui embora antes de chegarmos na metade da garrafa.

Ao entrar em casa, minha mãe abordou-me perguntando onde eu estivera e, ao sentir o hálito em minha boca, deu um tapa em minha cara. Fechei a porta do quarto antes de ouvir que isso não era coisa de menina porque era repetitivo demais. Subir em árvore, brincar de carrinho, mexer na fiação, sair sozinha, dormir fora de casa, matérias de exatas, bebidas alcoólicas, futebol, roupas largas, consertar objetos, nada disso era coisa de menina. Eu já tinha entendido. Até aceitado. A única conclusão possível é que eu não era coisa de menina.

Fui ficando mais distante de meus pais. Procurava permanecer na rua e conhecer pessoas novas o máximo possível. Conversar com gente diferente abria uma janela em meus olhos que mostrava que o mundo não precisava ser feito das mesmas ideias dominantes em minha casa. Ainda demorou um tempo para eu chegar até as pessoas certas, para eu entender no que consistiria meu destino.

Um dia encontrei meu ponto de não retorno. Pagara trinta reais na prescrição de receita falsa que um rapaz me indicara. Senti enorme nervosismo ao entrar na farmácia. O senhor no balcão olhou-me feio, mas atendeu meu pedido. Segurando o pacote, cheguei em casa, a agitação fervia. Enquanto abria a embalagem, anunciei, gritando:

– Isso é coisa de menino!

E, colocando o líquido na seringa, levantei a bermuda e espetei a agulha em minha coxa. Minha mãe veio correndo da cozinha em tempo de, incrédula, ver a testosterona entrando em meus músculos.

## A quem carregar possa

O vento soprava suave, porém constante, vindo de onde o sol nasce. O surto se alastrara na plataforma petrolífera onde meu marido trabalhava, como operador, na Bacia de Santos. Mais de trinta funcionários testaram positivo para o coronavírus. Iriam continuar as atividades com o mínimo possível de pessoal. Lucas voltaria para casa em um ou dois dias.

Nossa prainha era cheia de barcos, o que diminuía um pouco o turismo e o custo de vida, comparada com outras. Quando a indústria petrolífera foi chegando, os peixes começaram a ralear. Então, os pescadores que conseguiram vaga, colocaram seus filhos no ensino médio técnico, para que pudessem ter uma carreira promissora. Lucas estava atendendo às expectativas.

Apesar de todas as dificuldades e pesares do risco da doença, eu pensava que era um presente tão bom, o vento trazendo ele de volta para casa. Iríamos ficar bem, iríamos ficar seguros. Nas duas primeiras semanas, meu marido tinha que fazer isolamento, era a recomendação. As chances de estar contaminado eram grandes.

– Talvez a gente não devesse dormir junto nem se tocar tanto. – Ele disse ao me encontrar, enquanto eu o abraçava e beijava muito.

– Até parece que eu vou ter ficado todo esse tempo esperando, pra depois de você chegar, não poder fazer carinho.

Nós ainda éramos apaixonados. Eu estava feliz com sua volta. Era um alívio poder contar com o homem que amava nesse momento em que era recomendada a quarentena. Não queria ficar totalmente sozinha. Seria deprimente demais.

Nossa relação funcionava bem na rotina. Ficávamos três semanas separados e uma juntos. Passava meus dias cuidando da casa, passeando na beira da praia para olhar o mar e vendendo pinturas no centro, se fosse verão, ou apenas desenhando em casa, se fosse inverno. Perto da sua volta, esmerava-me em comprar mantimentos com o dinheirinho que ele mandava e em preparar tudo o melhor possível. Ele chegava sentindo minha falta e querendo me comprar presentes. Namorávamos muito. Pela manhã, quando eu ia levantar para começar a fazer o almoço, ele me agarrava:

– Deixa disso, meu amor, depois a gente vai num restaurante. Fica aqui comigo mais um pouquinho.

Certamente, agora não havia mais como ir ao restaurante. Mesmo pedir comida em casa era meio complicado, porque o salário dele iria ser cortado pela metade. Também não havia uma data de retorno, uma expectativa de ir embora, então ao invés de ser marcada pela saudade, nossa convivência era marcada pelo tédio.

Sentia-me bastante sobrecarregada com as tarefas domésticas, porém não reclamava, afinal, meu marido, principalmente, que sustentava a gente. Contudo, mais do que não ajudar, parecia que ele atrapalhava ao máximo, de propósito. Lucas passava o dia assistindo televisão e mexendo no celular. Cada vez que bebia alguma coisa, deixava um copo novo espalhado pela sala. Suas roupas estavam sempre jogadas e, se ele deixava algo cair no chão, nunca juntava ou limpava. Eu esforçava-me a preparar pratos que ele gostasse, mas Lucas não elogiava minha comida, pelo contrário, eventualmente, criticava. Nessas ocasiões eu ficava meio chateada, se tinha energia, tentava melhorar o que lhe tinha oferecido, se não, apenas fingia que não escutava.

A gente gostava de uma cervejinha. Quero dizer, eu tinha parado de beber, porque meu fígado não iria aguentar mais não, precisava de descanso. Então, para compensar, Lucas estava tomando por nós dois. Passava bebendo, às vezes, desde a hora que acordava até a hora

que dormia. Eu tentava fazer o almoço cedo e convencia-o a comer primeiro, o que ele costumava até aceitar. Entretanto, não adiantava muito, porque assim que garfava o último naco de feijão com arroz, abria a latinha. Se eu recusava-me a comprar, ele pedia tele-entrega. Se eu sumia com o telefone, ele simplesmente se levantava e dizia que iria ali no bar. Eu implorava que não, afinal, foi a indicação, estava até no acordo trabalhista dele, que iriam pagar meio salário, porém teria que cumprir os protocolos de distanciamento social. Daí acabava eu, toda vez que ia ao mercado, fazendo rancho de cerveja.

É um estresse, um sentimento muito angustiante, ficar preso em casa sem saber se você pode, no fim, desenvolver esse vírus, morrer e pronto. Conseguia ver nos olhos dele o medo. Eu entendia, de verdade. Também percebia que a convivência era desgastante. Ninguém aguenta muito uma pessoa só, assim vinte e quatro horas por dia. Queria, contudo, que ele tentasse ser um pouco mais compreensivo. Juro que estava fazendo o meu melhor. Talvez eu não devesse começar um assunto desses com ele bêbado, mas o que eu podia fazer se ele estava sempre assim?

— Sabe, eu acho que às vezes acaba acontecendo uma sobrecarga das mulheres...

– O que você quer, Vivian? Você nem é mulher de verdade.

– Sou sim. Nem você, nem ninguém vai tirar isso de mim não.

– Você é um puto, isso sim.

– Cala a boca, seu bosta.

– Tá me chamando de bosta? Quero ver quem aqui é bosta.

Ele foi avançando em minha direção. A parede me encurralava. Apertou meu genital forte com uma das mãos:

– Cadê a mulher aqui? – Ele ria.

Consegui desvencilhar-me de seus braços e corri para o quarto. Minha cabeça latejava de ódio, a dor no meio das pernas era humilhante. Tranquei a porta. Ele não insistiu em entrar. Sentia-me exausta e muito preocupada. Não havia outro lugar para onde eu pudesse ir. Minha família não gostava muito de mim e eu não tinha emprego nem amigos próximos. Poderia simplesmente tentar me virar sozinha. Contudo, com toda crise que crescia, como eu iria arrumar dinheiro suficiente? E se eu largasse meu marido para ser incomodada na rua por

um desconhecido qualquer? Nosso amor tinha sido tão bonito. Como isso foi acontecer?

Pulei pela janela, era mais fácil. Andei pelas ruas do fim da tarde, apenas levemente mais vazias que o normal. Voltei para mais perto da nossa casinha e fui até a praia. Senti as últimas brisas diurnas de mar passeando pelos meus cabelos. Elas sussurravam nos meus ouvidos, convidando-me à segurança líquida da água. Molhei os pés nas ondinhas, os chinelos abandonados na areia. Estava um pouco gelado, porém aquilo me agradava. Fui indo mais para o fundo. Minha pele agradecia a sensação congelante, a qual entrava como agulhas em meus músculos, lembrando-me: estou aqui, estou viva. Nadei de roupa por horas. Sentia a água me acolhendo, acariciando todo meu corpo daquele jeito gostoso que apenas ela é capaz. A lua nasceu de dentro do mar. Cantei bem baixinho para Yemanjá, contando um segredo que somente eu e ela podíamos compreender.

Algumas pessoas sabem, mas muitas não. A sereia é a mulher metamorfoseada da cintura para baixo. Esse é seu fascínio, isso que encanta e seduz tantos pescadores e o imaginário de tantos homens. Faz afundarem em rios profundos e mares revoltos atrás delas. Faz também as agredirem quando conseguem convidá-las até a margem. Ela os engana, coitados, com sua beleza e sua voz. Porém, no fundo, seu amor é uma

mentira, um artifício para matar bons rapazes. Mesmo que de fato os ame, nunca será completamente sincero, pois tem cauda, não vagina. Eu sei bem, eu sempre soube. Afinal, sou trans, e meus antepassados, até onde tenho conhecimento, viveram na beira da praia. Sou, praticamente, a representação da sereia na terra.

Era bem tarde quando voltei para casa pela janela, encharcada. Tudo parecia silencioso, então fui dar uma espiada nos outros cômodos. Meu marido dormia no sofá. Tomei um banho demorado, peguei alguma coisa para comer e voltei para o quarto.

No dia seguinte, quando saí de meu refúgio, ele tinha feito café da manhã. Ofereceu-me pão francês sorrindo e disse:

– Nossa, que viagem ontem, né? Eu estava muito louco.

Muito louco. Isso lá era pedido de desculpas? Comemos em silêncio. Passei o dia procurando anúncios de emprego no celular enquanto lavava e estendia roupas. Preparei chá de camomila para meus nervos. Nesse dia, ele não bebeu. Quando fui me deitar, Lucas foi atrás. Fez carinho na minha cabeça até ele mesmo acabar dormindo. Não falei nada.

Ficamos bem por um tempo. Ele lavava as louças depois que eu cozinhava. Começou a beber menos. Arrumava uns filmes para nós assistirmos. Dizia que eu era linda e que fazia o melhor tempero de feijão que existe. contei para ele que eu estava procurando trabalho.

– É uma boa ideia, se você está com esse desejo. – Lucas concordou. – Mas não se preocupe, se quiser deixar as coisas como estão, por mim tudo bem. Não tenho problema nenhum em trabalhar e você continuar com os desenhos.

– É, porém agora seu salário está reduzido e nem deus sabe quanto tempo isso vai durar.

Alguns dias depois, más notícias: a empresa estava cortando funcionários, pelo menos um terço. Meu marido não falou nada sobre sua situação específica, apenas colocou muitas e muitas cervejas para gelar. Enquanto ele bebia, fui fazendo o serviço de casa o mais rápido possível e, assim que baixou o sol, anunciei:

– Bom, estou cansada já. Vou indo dormir.

Passava da meia-noite quando acordei. Um vidro se espatifou em algum lugar. Era difícil processar tudo na velocidade necessária: algum acidente ou Lucas estava tendo um ataque de fúria? Repentinamente, ele adentrou

o quarto. Pulei rápido da cama. Ele agarrou-me pelos cabelos e bateu minha cabeça na parede:

– Sua inútil! Eles vão demitir todo mundo e eu aqui que nem palhaço sustentando um homem feito que nem você.

Meu chute em seu joelho foi bem forte. Ele soltou as mãos de mim por um instante, suficiente para eu subir na janela já aberta. Sangue escorria de minha testa, em um filete fininho, como uma lágrima caindo. Por uma terceira vez, pulei. Ele conseguiu pegar a ponta de minha camisola, resultando, de minha parte, em um pulo torto, que arranhou boa parte das minhas costas. Porém, segui em frente, sem nem sentir.

Corri em desespero para a praia. A noite escura e vazia, todos em casa, no isolamento da madrugada. Ele vinha mais rápido do que imaginei em minha direção. Estava encurralada na areia. Hesitei por um momento e fui entrando dentro do mar. Essa hesitação definiu minha falha, ele alcançou-me, jogando-se em cima de mim.

Afogava-me na água. Suas mãos fortes, ainda que bêbadas, empurravam minha cabeça para o fundo. As ondas, indignadas, batiam na gente, tornando o equilíbrio dele mais difícil, mas por outro lado, o meu também. Ele insiste na violência de me afundar a

qualquer custo. Esquece, todavia, que não sou simples mulher, sou sereia. Minha pele escorrega de seus dedos. Consigo sair nadando, por horas, se necessário. Embriagado, ele vai entrando mais fundo no mar atrás de mim. Uma ventania de revolta enche os ares. Estou de volta ao meu lar, enquanto Lucas se afasta do dele.

## Fazer viver

Ela anda imponente, alta, firme, dona da casa. Nem bem chegou já foi ligando o fogão, pondo água a ferver e, depois de lavar por um longo tempo as mãos, tirando ervas da bolsa e espalhando pela mesa. Pedes-me, quase ordenando, que limpe bem o banheiro. Seca as mãos nas coxas bem feitas, amarra os cabelos volumosos, fazendo-me lembrar um pouco de uma vidente de novela. A parteira de Talita. Que ideia.

O namorado de minha irmã era muito apaixonado. Bom rapaz. Tinha futuro. Ele e eles. Eu tinha certeza que iam se casar, construir uma vida, tudo direitinho. Aí veio a criança, meio antes do tempo. Complicou as coisas. Talita era nova. Mas também não era tão nova assim, veja bem. Daria um jeito. Era o instinto, sabe? O instinto natural dela, da gente. Comigo não tinha sido muito diferente e meus dois filhos estavam muito bem, obrigada. A minha mais velha ia ganhar bolsa num cursinho de informática e o meu mais novo tinha aprendido a ler. Nenhum nunca repetiu de ano nem reclamava demais de limpar o quarto. Isso que não tiveram nada parecido com pai ou pensão. Pelo menos não por muito tempo.

Lembro quando Talita apresentou-me o rapaz, vieram aqui em casa. Ele era bonito, porém não demais. Gostei disso. Com o tempo, gostei dele também. Não era de muita frescura e adorava papear. Sempre se oferecia para ser assador nos churrascos da família. Os mais velhos, por orgulho, recusavam, obviamente. Onde já se viu um moleque que nem tinha nosso sangue, nem ainda tinha assinado os papéis, tomando um protagonismo desses? Contudo, ele fazia faculdade, bebia pouco e sempre foi gentil com minha irmã. A faculdade, meus tios entendiam, mesmo que de má vontade, que acabava facilitando a vida. Beber pouco para mim era melhor até que homem que vai na missa. Sinal de que não deve ser violento. A gentileza, só comprovava.

Fosse como fosse, o grande dia finalmente chegou. Nossa convidada, pelo visto de honra, serve água quente numa xícara e leva até Talita. Deixou as sandálias perto da porta e ia andando por tudo descalça, movendo-se de tal maneira que parecia mais estar a exhibir os pés do que a utilizá-los por necessidade. Depois senta-se ao lado de minha irmã e as duas começam a olhar o exame de ecografia recente. Tudo vai bem e saudável. Com intimidade não sei de onde, que Talita não era muito chegada em toques nem mesmo dados pelo homem com quem costumava dormir, a mulher pega na mão de minha irmã e, com voz tranquila e cheia de certeza lhe diz:

– Fique firme que tudo vai dar certo. O corpo flui junto com a mente, é preciso que você relaxe e tenha certeza de seu poder, que tudo vai sair bem. Você vai sentir dor, mas precisa entender que a dor faz parte do processo, assim é possível lidar com ela. Esse é um momento de força da mulher. Você sabe que vai conseguir.

Umedece os lábios sempre antes de falar, passando a língua por eles bem de leve e devagar, num trejeito muito único. Então entrega-lhe o chá sabe-se lá do quê para tomar.

– Vai ajudar você a se abrir – explica.

Tira guias e amuletos do pescoço e começa a pendurá-los pela casa, violando os ensinamentos católicos de nossa avó, a qual havia morado ali a vida todinha. Depois, como se não bastasse, acende velas que não são brancas e espalha fumaça de palo santo pelo cômodo inteiro, deixando tudo muito mais parecido com uma sala esotérica barata do que com um lar para uma criança. Ela canta enquanto embruxa tudo. Seus pés, ágeis, desfilam satisfeitos pelo ambiente, seu corpo acompanha a melodia.

– Tudo isso é mesmo necessário? – Tento não parecer raivosa.

– Olha, você vai me desculpar, mas eu tenho minhas crenças. Esse trabalho mexe com muita coisa, com muito poder. Se eu não energizar o ambiente, não fizer os cantos, depois não vou aguentar a energia que carrego. Além do mais, assim protejo sua família também – fala com extrema firmeza e serenidade, cada palavra desenrolando devagar da língua e deixando os dentes muito convicta.

– É. – Talita faz coro. – Que bobagem é essa, maninha? Deixa ela fazer o que precisa ser feito.

Aquela desgraça por todo lado e eu não posso nem reclamar. Sei que devíamos ter chamado outra pessoa, melhor, ir ao hospital, como todo mundo. Minha irmã, entretanto, com suas manias de reivindicar direitos das mulheres e de querer fazer o que lhe dava na telha, nunca iria me escutar, somente me demandar favores: por favor, me empresta sua casa, por favor, fica comigo, por favor, me apoie. E eu que aguente.

Ficam juntas falando e fazendo sabe-se o quê, enquanto eu lavo a contragosto o toalete. Há uma banheira, dos tempos de vovó, raramente utilizada. Será que essa gente vai querer trazer o novo ser ao mundo na água que nem artista de TV? Vou levar séculos até esfregar ela toda de novo. Isso tudo no meu banheiro sempre limpo. O meu banheiro e aquela feiticeira vinha

me dando ordens como se eu nem cuidasse direito do meu próprio lar. Como se eu fosse uma ignorante que não soubesse nada das mulheres, de parto, de filho, de limpeza, de casa. Como se eu não soubesse da vida e da morte.

Um gemido obriga-me a voltar para perto das outras. As contrações começam. Talita se contorce de dor, os olhos com medo, eu sinto, fitam a mim. A enfermeira charlatã repara. Sorri para ela. Cantarola baixinho. Elas vão juntas ao toailete. Eu fico espiando meio de canto, andando de um lado para o outro preocupada, mas não demonstrando muito, pois não quero que aquela bruxa repare. Ficamos nisso tanto tempo e esse protótipo de parteira dá mais e mais chá para Talita e alguns remédios, ela diz, para facilitar o processo. Sempre que Talita parece insegura ou em dúvida, elas se juntam, trocam toques, ou a mulher fala alguma palavra carinhosa. Uma hora, bem séria, alerta:

– Não se esqueça de, depois, marcar uma consulta. Por mais experiência que eu tenha, é importantíssimo ir ao médico para garantir que tudo saiu bem. Também sugiro não fazer sexo com penetração nas primeiras duas semanas de recuperação e usar roupa de baixo de algodão somente.

Inclina-se em direção a minha irmã de tal modo que fica com a bunda apontada para mim. Seus quadris são grandes, redondos e ao menos um pouco empinados. As duas estão tão focadas nelas mesmas que não percebem eu reparando no corpo da outra, mas de qualquer modo, antes que pudessem fazê-lo, desvio o olhar e, parecendo-me isso muito pouco, levanto-me, indo pegar um copo de água na cozinha.

O futuro marido de Talita ficou ao lado dela no começo. Ele parecia até contente, juro. Aí desapaixonou, pobre rapaz. Muita pressão. Não sei como pôde. Sumiu rapidinho. Até eu me surpreendi. Contudo, minha irmã ia dar conta pelos dois. Também, se abriu as pernas, que aguente. Eu não sei como essas pamonhas conseguem engravidar com toda quantidade de camisinha e pílula que há. Sem falar nos agrotóxicos, na radiação dos celulares e nos hormônios nos frangos. Certamente, ela que estourou o preservativo para prender o moço. Ele deu é no pé. Agora ela que se resolva.

Talita, todavia, sempre foi boa em lidar com as provações da vida. Mesmo quando a gente era criança, mesmo sendo mais nova, era a primeira a encontrar esconderijo para louças quebradas ou a enrolar algum adulto para nos dar bala antes do jantar.

– Maisha, você já passou por isso muitas vezes? Tem filhos? – A pergunta chama minha atenção, convidando-me a voltar para sala.

– Não, nunca. Eu nunca fui penetrada de uma maneira engravidável. – Sorri. – Mas não se preocupe, tudo que está acontecendo com você é normal.

Sinto o sangue subir um pouco para meu rosto com tal resposta, enquanto tento entender. Não me parecia que a desconhecida fosse virgem, pois fez questão de enfatizar a ausência de possibilidade de engravidar, não de penetração. Isso era apenas uma referência a usar preservativos? Ou sugeria outra coisa? Que tipo de mulher pode sentir-se tão distante da gravidez?

Interrompo meus devaneios com o gemido de dor de minha irmã. Ela diz que está na hora. A suposta parteira pega em sua mão e elas começam a andar devagar pela casa, minha irmã com algum esforço de dor, a outra com sua leveza rebolante, até vir um sangramento. Pergunto-me se é assim mesmo que deveria ser, se isso não é perigoso. As palavras que penso saem sozinhas de minha boca, questionando se é certo fazer as coisas assim desse jeito e como podem ter certeza da segurança de Talita. Elas parecem me ignorar.

– Você realmente não está ajudando. – Minha irmã comenta e continua com sua caminhada.

Ao fim de horas que parecem dias, estão as duas outra vez fechadas no banheiro. Já me dá nos nervos, subo nas paredes de ansiedade. Rezei muitas Ave-Marias e até alguns Pais-nossos, embora, francamente, ache que a santa entenda bem mais do assunto. Porém até as palavras repetitivas da reza estão me dando mais angústia que alívio, veja só o pecado. Então, finalmente, Talita me grita:

– Vem, Tereza. Vem ver.

Corro até elas e ali, no fundo do vaso, todo manchado de vermelho, encontra-se, tão pequenininho que mal se distingue as formas, que nem se vê humano, o feto abortado de minha irmã. E eu que vivi tudo isso com tanto desacordo e descrença, que quase infartei pensando se Talita iria sobreviver, não posso deixar de, aliviada, nela dar um abraço forte e, olhando nos olhos, ainda que desconfiando, mas nos olhos, da bruxa da morte que deixei entrar em minha casa, dizer, do fundo do peito:

– Agradeço de verdade.

## Mão-boba

Quando a gente está empregado, trabalhando naquele horário mais desejado, de segunda a sexta, das oito ou nove até as cinco ou seis, se não é exaustivo demais a ponto de querer só dormir e se a grana é suficiente para a subsistência, dá muita vontade de sair no final de semana. Tomar uma cerveja. Gastar de alguma forma o dinheiro conquistado depois de fazer nada para si, tudo por ele.

Além disso, sair é uma maneira de conhecer pessoas bacanas, não é mesmo? Fazia tempo que eu não ficava com ninguém. Minto, ficava de vez em quando, mas não era lá muito satisfatório. As pessoas tinham muita dificuldade em leitura corporal. As que eu beijava – algumas – até conseguiam me chamar no masculino, mas a magia acabava quando elas me viam sem roupa. Daí não tinha jeito, até podiam ainda falar no masculino, porém estavam pensando no feminino. Ou tocando no feminino. Eu podia sentir.

Talvez o problema fossem minhas tentativas de conversar com as pessoas ao invés de apenas juntar nossas bocas. De preferência, no escuro e equipado com um packer. Então naquele dia me preparei para ir na balada. A boate nem era na capital. Parecia uma ideia

muito ruim. Contudo, era *gay friendly*. Isso tinha que contar para alguma coisa.

De fato, havia alguns veados. Havia muitas meninas. Havia *boys* héteros. Havia todo mundo. Provavelmente era a única festa da cidade. E havia eu e meu amigo Kai.

Perguntei-me se conseguiria me misturar. A maioria das meninas dançavam no meio da pista, a maioria dos meninos olhavam para elas apoiados nas paredes. Um grupo chamava mais atenção que os outros, porque tinha meninos que soltavam gritinhos e iam dançar sarrando ao máximo a bunda nos garotos das paredes. Gostei quando Kai pegou minha mão e me levou até eles. Pareciam ser as pessoas que mais se divertiam. Comecei a dançar, ainda que timidamente, comparado aos meus companheiros de festa.

Depois de algumas cervejas, passos de uma coreografia inventada levaram uma moça para perto de mim. Tinha os cabelos pintados de loiro, olhos puxados e perfume forte. Deixava o corpo perto do meu com bastante intimidade e confiança. Rebolou na minha frente, apoiou as mãos nos meus ombros e falou em meu ouvido:

– Meu marido volta pra cidade segunda.

Engasguei com minha bebida e sorri para ela:

– Que ótimo, não?

Busquei Kai com o olhar. Ele justamente queria fumar um cigarro. Deslizamos pela multidão até a área externa. Enquanto eu procurava minha comanda para aventurar-me na fila e comprar outra cerveja, Kai acendia um cigarro e tentava me atualizar dos principais babados de toda aquela gente que eu não conhecia. Ele tinha voltado à cidade onde nasceu fazia alguns meses, era a primeira vez que eu vinha visitá-lo. O cigarro ia sendo fumado pela noite enquanto ele falava, cada frase aumentando as cinzas num cadinho. O Kai reparou, mas se abalou em nada. Como se o objetivo de fumar fosse me contar do mundo, não tragar tabaco.

Sem pressa e sem interromper o assunto, fomos nos movendo na direção do bar. Uma menina apareceu meio agarrada em outra, bloqueando nosso caminho. Elas definitivamente eram jovens. Talvez até menores de idade. Se o segurança da porta tinha me poupado o constrangimento de mostrar meu nome de registro, por que outras criaturas consideravelmente mais bonitinhas também não teriam o mesmo privilégio? Ou devo dizer direito?

As duas davam risadinhas. É difícil acreditar que, depois de tantos anos de luta feminista, estou

descrevendo o comportamento de mulheres dessa maneira. Jovens que davam risadinhas. Mas elas davam. Pior, as risadinhas pareciam vir reto ao meu encontro. Direcionadas. Seria isso um flerte? Era um poveréu ali, meio apertado naquela área aberta, então logo estávamos extremamente próximos. Antes que eu pudesse fugir, a da direita soltou-se da outra e gritou por cima da música:

– Você é homem ou mulher?

Bingo. Não era a melhor maneira de começar, porém eu podia lidar com isso. Quero dizer, numa realidade hipotética, se um adulto, ou quase adulto, faz uma pergunta dessas, talvez ele tenha um bom motivo. Talvez o ajude a, por exemplo, saber que pronome usar, nessa dimensão hipotética onde a gente continuaria se falando o suficiente para precisar de pronomes. Por isso respondi:

– Sou homem. – Minhas opções eram limitadas.

Ela sorriu. Poderia ser confuso, mas razoável, sorrir se um desconhecido lhe conta que é homem. O tipo de reação mais ou menos adequada ao perguntar intimidades para um estranho. Porém, rapidamente, ela decidiu que não seria razoável, nada de mediocridades com a novinha da balada. Ela precisava fazer o inimaginável. Erguer a mão e agarrar meu peito.

– Não um de verdade – comentou, apesar, cabe ressaltar, do meu binder e dos meus peitos pequenos.

Meu mamilo não se sentiu tão aberto a comentários. Nessa época, andava tão tímido que usava binder todo tempo, então meus dedos rapidamente partiram em sua defesa, agarrando a mão da garota e baixando-a com força.

– Vem aqui que vou fazer você agarrar o pau de um cara pra ver se é de verdade.

Eu segurava forte em seu pulso. Ela e eu nos encarávamos. A garota tinha medo, evidentemente. Um homem com pau em potencial tinha grande probabilidade de ser mais perigoso do que eu. Dava para ver dentro dos olhos dela. Dava para ver que ela não tinha coragem, que, mesmo jovem, ela sabia bem o que podiam significar homens, principalmente os que ela considerasse verdadeiros. Dava para ver que ela conhecia opressão.

– Isso você não se anima, não? – berrei, mas minha voz vacilava.

Meu ódio tentou ser melhor direcionado. Não era a moça, era o mundo. Meu aperto ficou mais frouxo. Ela e sua amiga foram embora correndo. Eu e meu amigo trocamos suspiros parados.

Precisava escapar daquele tanto de gente em volta. Falei que ia ao banheiro. Kai foi atrás fazer minha segurança, mas alguém o parou para cumprimentar. Decidi ir para rua, contando novamente com a boa vontade do segurança.

Meu mijo escorreu entre o vão dos carros estacionados. Sentei no meio-fio e enrolei um baseado. Para fumar sozinho, sem dividir com ninguém.

Senti o cheiro da minha urina e afastei o pé para impedi-la de alcançar meu tênis. Queria não me sentir tão na merda. Algumas pessoas passavam, entrando e saindo da boate. Em minha cabeça, comecei a trocar os gêneros delas. Quanto mais eu fumava, mais bem acabada ficava cada transição. Aquela menina de salto daria um bofe gostoso. Aquela moço barbudo seria uma gracinha com um pouquinho de perlutan. A mulher beijando um rapaz num canto já tinha todas roupas masculinas, faltava só arrumar os documentos. Já aquele outro, de nariz empinado, daria uma travesti chiquérrima, que provavelmente seria referência de Instagram. Relaxei um pouco, saboreando a imagem dessa gente de outra forma. Não havia mais ninguém novo para eu mudar.

Forçando a visão, reparei num garoto de jeans, moletom e boné que saía da festa meio se arrastando. Decidi que ele definitivamente ficava melhor no modo

masculino do que no feminino. Depois de dar considerável quantia de passos, o rapaz apareceu na minha frente:

– Você sumiu, cara. Tá querendo ir embora? Podemos ir.

Kai tinha olhos que queriam ser animados, mas eram um pouco tristes. Sorri um sorriso igualzinho aos olhos dele:

– Não, meu. Quer saber? Seus amigos daqui são muito legais. Vamos ficar mais com eles.

A gente passou pelo segurança abraçados. Cogitei procurar a moça perfumada que gostava de dançar perto. Só para dar minha contribuição em destruir lares felizes. Vai que ela tinha filhos que acordavam de noite, ou vizinhos fofoqueiros cuidando as janelas. Podia valer a pena. Deixei escapar um bocejo. Ainda bem que vodca com energético era dos drinques mais em conta. Padê daria ainda mais preguiça, por causa da perspectiva de ressaca horrorosa.

Kai abriu espaço no nosso grupo de dançarinos. A bicha mais próxima jogou um beijinho no ar para mim. Ela era belíssima. Kai, do meu outro lado, não parava de me lançar sorrisinhos. Tomei um gole do meu kit. Era só uma festa, uma noite de tantas, conhecendo gente que

estava fazendo parte da vida de um amigo querido. Arrisquei rebolar um pouco em volta dessas duas pessoas ótimas. Não ia ser ruim. Eu não permitiria.

## Baixando as brumas

Assisto vocês darem um beijo longo. Mais outro. Agora um curto. Vocês se abraçam muito também. Todo o tempo grudadas. Dá vontade de vomitar esse grude todo. Olho ao redor, para o resto do povo, para as pessoas que não estão incluídas nesse processo luminoso e sublime de ser um casal. Será que percebem meu desgosto, a irritação crescente em meus sorrisos? Será que acham que tenho inveja, ou alguma delas faz o mínimo esforço de penetrar-me mais fundo e perceber minha incapacidade de aprovar que duas pessoas isolem-se das outras dessa maneira, romantizando o mundo sem pudores?

Bebo um gole de cachaça de anis. Sorriso impecável, não borrei o batom preto. Estou impecável. Arrumei-me do jeito difícil, o despojado, como se não fosse minha intenção. Devo estar bonita o suficiente. Imagino que nem todo mundo concordaria. Mas eu me esforço. Faço as sobrancelhas. Hidrato os cabelos. Depilo os pelos, sei que nesse meio o ideal seria deixá-los, mas eu os tenho em excesso. Quando estou de bom humor, alguns eu deixo. Uso um lápis leve, batom para ocasiões especiais, roupas demoradamente escolhidas sempre. No final estou ali, excessivamente

alta, de shorts jeans folgados, camiseta larga de uma banda de que nem gosto, bolsa a tiracolo, cabelo curto cacheadinho semiescondido por um boné de aba reta, maquiada com muita boa vontade para fazer as porcarias que vendem na farmácia combinarem com minha pele e parecendo, no ápice da minha carreira, super feminina em roupas de garoto. Ser mulher é um trabalhão. E alcançar os moldes de suas amigas não é tão diferente assim de qualquer outro padrão.

Estamos com as feministas. É um evento grande, bonito, vieram meninas de várias partes, como uma feira. Umhas mulheres importantes vão falar. Uma acadêmica colombiana descolonial, uma jovem Mbyá Guarani em meio a luta pela demarcação de terras, uma velhinha preta que resolve todas as dificuldades das mulheres lá do Morro Santana. Eu tenho uma banquinha, estou vendendo comida vegana e cachaças curtidas. De noite, vai ter fogueira. Elas disseram que vão queimar umas coisas, as coisas ruins. Estão preparando objetos simbólicos para queimar até. Uma farda, pelo menos, eu já vi. Gostei da ideia. Odeio a polícia.

Simone é uma mulher agradável à vista. De calças justas, camisa larga, cabelo liso, alargador nas orelhas. Branca, magra, bonita, não sei se sua família tem dinheiro, imagino que sim. Ordinária, como as outras. O que faz a gente ser especial mesmo? Nada. No

máximo o olhar equivocado de alguém. Sei que eu também sou ordinária, no fim. Mas vocês não sabem. Nem todas.

Tem os seios firmezinhos, consigo ver quando ela se mexe e a camisa faz o contorno deles. Sorriso sempre no rosto, os lábios finos. Podia ser modelo, aposto que alguém já comentou com ela. Uma mulher perfeita.

Você, talvez, se incomodaria com a maneira como falo de Simone. Diria que sou muito altiva, que pareço desprezá-la. Ou, pior, que desrespeito as mulheres por ficar descrevendo seus corpos. Conheço Simone, com aquele jeito irritante de vir falar comigo mesmo sem ser chamada, de perguntar se está tudo bem, de ser sempre absolutamente fofa, extremamente paciente. Nunca consigo ter certeza se é falsidade, ou se toda essa bondade vem do ser maravilhosamente perfeito que ela, com seus milhões de privilégios, teve a opção de ser. Às vezes acho que é mentira também, porque a gente sabe quando ela não é perfeita. Basta um segundo em que você não esteja prestando atenção para começar, o eterno sofrimento, o pai conservador, a avó com câncer, os ataques de pânico, a depressão, a recordação dos abusos na infância, os assédios no emprego, o melhor violeiro da turma passando a mão nela enquanto ela dormia no encontro da faculdade, a incapacidade de uma pessoa tão sensível se enquadrar nessa sociedade, a vontade de se matar, o drama por sua vida não ser o que ela desejou,

a tristeza de ter que trabalhar num emprego tão horrível todo dia, de ter que aguentar o machismo todo dia, de ver as pessoas serem preconceituosas todo dia, e os meninos passando fome na ponte todo dia, e a Laura, que dorme na rua perto do prédio em que ela mora usando craque todo dia, e a natureza sendo destruída todo dia e os filhotes de cachorro abandonados todo dia e ela com medo de sair na rua todo dia e ela insegura de ser largada por ti todo dia e ela achando que vai morrer todo dia ou que tudo é tão difícil todo dia. E você vai correndo atrás dela sempre, coitada, padece muito.

Chamam-me para costurar. Aparentemente vão fazer um boneco, como um Judas, será? A gente é tão católica às vezes. Ou não, dá para pensar que o Judas cristão que foi imitar as fogueiras dos outros e a gente está invocando algo pagão ao fazer um homem fardado queimar. Mas eu não vou. Não estou com vontade. Elas respondem que daqui a pouco vão trazer ele ali para dentro e eu vou poder ajudar sem sair da minha banquinha. Eu sorrio, não consigo recusar.

Tenho a maior raiva das pessoas que sofrem. Um nojo, uma vontade de mandar longe. Essas que sofrem gritando, fazendo todo mundo ver que estão sofrendo, obrigando todo mundo a lhes prestar atenção. Pessoas que têm a regalia de sofrer sem ficarem quietas. Porque

eu sempre fiquei. E todas as mulheres da minha família também ficaram. E todas as pessoas do bairro de onde vim. E todas as travestis que fazem ponto também.

Passei um tempo com as putas tentando descolar grana, mas elas riam de mim, do meu absoluto fracasso. Eu mesma ria com elas, do medo que eu tinha de um homem, do pânico ao entrar em um carro e achar que iam me matar, ou da minha aflição por pensar que poderiam recusar a pagar, mas insistir no sexo. Elas diziam:

– Docinho, mas não é tão horrível assim. A maioria dos caras apenas estão buscando outra coisa além da esposa. Eles são tristes, eles dão até pena. Perigo, até tem, mas não são todos que vão sair te batendo. Você só precisa aprender a diferenciar o perfil de cada um.

Não adiantava. Eu continuava com medo. Na internet eu via todo dia casos de espancamento e de morte. Eu não via os homens como clientes, mas como inimigos. Morria de medo de não ficar no controle da situação. Para minhas companheiras podia ser tão tranquilo, às vezes divertido até, rotineiro, como qualquer outra profissão. Com seus riscos, mas suportável. Para mim era o inferno.

Então conheci Gabriel. Estudante. De jornalismo. Comunista. Fino. Queria fazer um campo jornalístico com

as prostitutas. Disse que a última moda era dar voz aos subalternos. Que, se houvesse interesse, podíamos nós mesmas escrever, fazer um jornal, para contar nossa realidade. Eu quis. Dediquei-me profundamente a tal projeto, escrevi colunas e mais colunas, entrevistei dezenas de colegas, tirei algumas fotos com a câmera profissional de Gabriel, várias outras com o meu celular. Fui com ele ao laboratório de informática da faculdade, aprender a editar. Isso me consumia todo o tempo em que deveria estar trabalhando. Mas não me importava. Tinha um pouco de grana que daria para o aluguel e comer eu podia comer recycle. Eu estava, e esse sentimento parece irreal e distante como o calor doído do verão quando é julho e chove por três semanas seguidas, profundamente apaixonada. Não por Gabriel, evidentemente. Apaixonada pelos caminhos que ele talvez abriria.

Eventualmente, Gabriel percebeu minhas ausências de comida e passou a me convidar para almoçar, ou me levar escondida para dentro do Restaurante Universitário. Mais tarde, arrumou para mim a carteirinha de uma amiga. Quando, finalmente, depois de três meses sem grana para pagar o aluguel da quitinete que eu dividia com mais duas meninas fui despejada, ele me abriu as portas de sua casa. De eu dormindo em um colchão ao lado do dele para eu de quatro em sua cama

com minha lingerie fio dental não demorou nem uma semana. O projeto do jornal foi cancelado. O professor orientador de Gabriel entendeu que ele tinha se envolvido demais com o campo. Isso comprometia a objetividade científica.

Quarta-feira, eu corto cebola. Já varri toda casa, passei pano no banheiro. Gabriel mora com mais três meninos, todos vindos do interior e todos absolutamente incapazes de lavar o copo em que beberam água. Sou faxineira da casa em que moro durante o dia e, à noite, acompanho Gabriel e seus amigos em suas inúmeras festinhas, vendendo sanduíche, brigadeiro e cachaça. Muitas vezes a galera fica na rua e eu não tenho maiores problemas. Quando é dentro de algum lugar, procuro permanecer do lado de fora.

De qualquer maneira, Gabriel e eu não ficamos juntos em lugares públicos, ele tampouco me convida para passear em qualquer lugar, exceto se for conveniente politicamente. Os meninos que moram com ele, que também são do mesmo partido, acham muito generoso isso de me acolher e fascinante a ideia de me conhecer, contanto que eu, que não pago aluguel, limpe a casa, lave as roupas e cozinhe. Em troca, fazem o favor a Gabriel de não comentar nada da nossa vida privada. Eles são ótimos nisso de esconder a vida privada, tenho que admitir, uma camaradagem infinita.

Nenhuma namorada descobre quando é traída, mesmo que a outra passe dias na nossa casa, e até a amante, normalmente, leva um tempo para perceber que cumpre esse papel. Nenhuma companheira do partido vê ou ouve nada que possa abrir questionamentos sobre o quanto eles realmente apoiam o feminismo. Nenhuma visita nem mesmo desconfia que nós não fazemos revezamento na limpeza. A gente mora num bairro chique – eles dizem classe média – perto do Centro e perto de onde o pessoal sai à noite.

Foi assim que comecei a conhecer vocês. Nas nossas excursões noturnas. No início era difícil para eu entender, tanta gente tão diferente do que estava acostumada. Acho também que as pessoas percebiam que eu não era daquele meio, eu estava tapada pelas brumas que cobrem as outras tias e tios que também vendiam cerveja ou qualquer produto na noite, os pobres, que vinham de longe e que não valia a pena conhecer.

Mas eu tinha um contato: o Gabriel. E os meninos que moravam com a gente. Depois, as nossas visitas, outras pessoas do partido e as mulheres que faziam parte também. Então, as feministas do partido, que eram as de quem meus companheiros de casa tinham mais distância e cuidado, para não darem passo em falso. Com o tempo, toda essa gente vinha falar comigo. Acho que era descolado falar comigo. Eu não tinha essa dimensão.

– Ah, é tu, a amiga do Gabriel? Tu tá morando com ele agora? Que prazer te conhecer! Ele me explicou tudinho, a tua história e como eu devo me referir a ti. Puxa, devia ser dura a vida nas ruas, não é? Com a regularização, tudo ia ficar muito melhor, não acha? Porque a nossa deputada propôs esse projeto, sabia? Eu tenho uma amiga que é assim também, que nem tu, precisam se conhecer, ela vai ser candidata a vereadora, imagina só! Ah, deixa eu comprar de ti essa cachaça, é disso que tu tá vivendo agora? E rola dinheiro pra ir nos médicos e tudo? Tem um projeto também, de um deputado nosso, pro SUS atender melhor esses casos, sabe? De gente que nem tu, fornecer todo atendimento que precisar.

Todo esse povo, a bem da verdade, deixava-me era meio tonta. Era invasivo também. Tanta falação e projeto e deputado e gente que nem eu. Mas você não. Você só andava por aí sempre acompanhada pela Simone. Ficava me olhando de longe às vezes, porém não era esquisito, era simpático. Como um convite: chega aí.

Ficamos nisso por meses. Eu gostava que você também vendia comidas na noite. Pensava que poderíamos trocar receitas de cachaça. Até um dia a Fernanda, do partido, estar falando comigo, e a Fernanda, sim, você conhecia. Ela era caminhão. Então você desgarrou-se por um instante da Simone e chegou perto, sozinha.

– Oi, eu sou a Clari.

– Mel, muito prazer.

– Você é daqui, Mel?

– Sou da zona Norte.

Acho que essa frase foi a cereja do bolo, tudo que faltava para eu te ganhar. Mas não, querida, não me olhe contrariada pensando que sou irônica. Sei que você não buscava minha pobreza ou minhas diferenças para se destacar dos demais ou promover sua autoimagem, você só estava absolutamente entediada. Absolutamente entediada das mulheres todas iguais que conhecia. E eu, bom, eu era vários novos mundos.

– Sair com a galera do centro deve ser uma onda.

Você sempre conseguia entender o que eu sentia, mesmo sem ter a menor possibilidade de vivê-lo. Era, eu tenho que admitir, uma cumplicidade impressionante. Eu dei uma risadinha.

– É, às vezes sinto saudade da Farrapos. – Eu respondi, porque sentia. Do lugar onde me criei eu não tinha tanta certeza.

– E como você conheceu todo esse pessoal?

Você não buscava disfarçar que era óbvio que eu não era daquele meio. Era bom alguma sinceridade para variar.

– Ah, eu divido apartamento. Com o Gabriel e aqueles outros meninos do partido dele.

– Ele é seu namorado?

Ninguém nunca tinha me perguntado isso. As pessoas simplesmente fingiam que seria possível eu morar com quatro garotos universitários sem dar nada em troca. Mas você não, nunca. Você ia até o fundo, onde ninguém ousava ir. O Gabriel, nas minhas costas, conversava animadamente com uma menina que eu não conhecia.

– A gente tem uma relação livre.

Mentira. Você sabia que era mentira. Sabia que o que a gente tinha não era o mesmo que os namoros dos estudantes. Porém, você parou por aí e sorriu, cúmplice:

– É? Eu também tenho uma relação livre. É um desafio muito lindo, né? Isso de amar sem posse.

Mentira, também. Você ao menos tinha uma relação, reconheço. Mas não era nada livre. Era regida por um monte de regras complexas de manipulação e chantagem e

ciúmes e posse não admitidos. Eu, porém, ao contrário de você, não tinha nenhuma condição de saber disso.

Na primeira vez que você foi lá em casa, a coisa explodiu. Apenas depois que você saiu, respeitando nossos procedimentos de vida privada separada da pública. Gabriel xingava-me aos berros:

– Quem você pensa que é pra trazer essa machorra aqui?

Eu tive um pouco de dificuldade de processar o que ele queria dizer. Primeiro, porque eu achava que ele não estava nem aí para mim e não entendia como eu trazer alguém em casa lhe afetava tanto. Segundo, porque eu ainda não tinha percebido toda química em potencial que nós duas tínhamos. Contudo, ele via além de mim, com uma visão muito mais estratégica e, em certo sentido, correta. Ele via uma sapatão feminista chegando perto da sua serviçal doméstica.

– Você agora tem ciúmes de mulher? – Foi o que eu consegui dizer.

Acho que de fato ele tinha mesmo. Mas preferiu dar uma volta bem suja:

– Que ciúmes o quê, sua palhaça? Você não entende que essa casa não é sua pra você sair trazendo qualquer estranha da rua? Você pensou na nossa segurança, por

acaso, aparecendo aqui com a primeira pessoa que conhece?

– Eu achava, Gabriel, que essa casa também era minha. Por isso eu limpo tudo, já que não tenho dinheiro pra pagar. Como se fosse uma troca.

Ele riu da minha cara. Nossas brigas foram ficando cada vez mais feias. Gabriel gritava pela casa e batia algumas portas. Depois vinha fazer as pazes. Eu sempre aceitava suas desculpas, mas sorria descrente, ele nem percebia. Eu precisava fazer era minha mudança, com urgência. Porém meu plano tinha que ser bom, para não dar confusão. Ninguém ficou sabendo.

Sofrer gritando, sofrer para os outros verem é coisa que só quem está muito bem mesmo pode fazer. Como o menininho mimado de olhos azuis que esperneia da mais ampla cobertura do Moinhos de Vento e obriga a empregada exausta da jornada de vinte e quatro horas por dia, a filha da empregada desiludida de trabalhar ao invés de ir para escola e a neta da empregada esfomeada de falta de mamar e atenção a se desdobrarem em dez para atendê-lo.

Mas, certo, isso sou eu, a monstra. Você, querida, que também é absolutamente ordinária, nunca concordaria. Não com as suas preocupações ordinárias, vontades de amor ordinárias, desejos ordinários,

emprego ordinário. Bonita, branca, magra, com dinheiro suficiente para não desesperar. Doce, querendo ajudar os outros, correndo atrás da Simone na esperança de que ela fique bem, querendo carregar o mundo nas costas. É por isso, tenho absoluta certeza, que você se aproximou de mim. Para ver se me ajudava. Por isso, somente por isso, diferiu-se das outras. Então, magicamente, comecei a rodar nos seus circuitos, conhecer suas amigas bonitas. Às vezes – e algumas delas, eu juro, chegavam a virar a cara – você passava uma tarde inteira segurando na minha mão ou, no meio de uma frase, parava para me dar um selinho. Eu achava graça no início. Depois, entramos em acordo de não fazer demonstrações públicas de afeto. A existência ficou muito mais conveniente, ganhamos muito menos olhares tortos e eu me senti um pouco mais confortável. Por pelo menos duas semanas Simone conseguiu ficar sem nenhum novo problema para você resolver. Mas a paz não durou muito. Porque Simone se sentia tão insegura. Porque parecia que você iria substituí-la por mim. Porque nós duas passávamos três horas por semana juntas. Porque tínhamos tanto em comum. Gente, eu ficava pensando no delírio dessa mulher. De achar que eu e você poderíamos ter mais em comum do que você e ela. De que eu e você teríamos algum futuro a compartilhar. De que eu poderia ser mais que sua amante.

Você era mais do que uma amante para mim, obviamente. Você foi, por um grande momento, minha esperança, minha chave. Você, nos seus cabelos curtos e claros, cuecas aparecendo, descolada com os coturnos e alargadores. Eu já tinha dormido com outras mulheres nas mais distintas ocasiões. Porém, não tinha ideia de toda a cultura, todo o monte de símbolos, vivências, ideologias e visões de mundo que envolvem ser sapatão. Você, com o feminismo e a destruição do patriarcado e a resistência lésbica, tinha as respostas para justificar os absurdos da minha vida.

Tentei me arrumar mais parecido com o jeito que você se vestia, não muito, para não dar na cara, mas até cortei as unhas. Gabriel gostou, ao menos isso ele não percebia, disse que eu estava parecendo menos uma puta, usando roupas mais decentes para sair na rua. Pedi leituras também. Aquelas coisas que vocês liam na faculdade, as autoras e páginas de internet. Quando eu sabia que o Gabriel estava em aula ou numa das assembleias intermináveis do partido dele, eu marcava da gente se encontrar. Se algum dos meninos estava em casa, eu dizia que ia trabalhar, que tinha alguma feira de dia onde iria vender. Eu ficava com medo de que eles fossem contar, mas acabavam me acobertando. Afinal, era um apoio mútuo. Eu conhecia todas suas fiéis e todas suas amantes.

Um dia, eu disse a você que eu precisava de um trabalho bom. Um que desse para pagar aluguel. Que eu precisava sair de casa. Você me levou no bar de uma bicha bem pintosa, Serginho. Ele tinha mais de sessenta anos, era bronzeado, baixinho, andava rebolando, camisa bem colorida. Ele não tinha exatamente vagas, mas dava para dar um jeito, ele chamaria menos a galera que era freelancer. Serginho contou que era um ativista da causa gay, de anos já. Um dos seus objetivos era tirar pessoas LGBTs de situação de prostituição. Bom, eu pensei, sou um caso perfeito.

Mudei-me para casa de um dos meus colegas de trabalho. Eram dois amorzinhos. Chamavam-me de gata e diziam que eu era fechativa e arrasadora. Pediam para maquiá-los para festas e, de vez em quando, quando decidiam se montar pra noite, não aceitavam sair sem minha aprovação. Eu fui para lá no meio da noite, numa operação de resgate em que Serginho emprestou o carro, e eu fiquei lá esperando, era sexta-feira, eu sabia que todos os meninos iriam sair. Não dei tchau, não deixei bilhete, nada. Só enfiei minha malinha rosa pink dentro do carro. Mexi nas gavetas dos quartos, nos lugares onde eu já sabia que eles tinham seus dinheiros guardados, e roubei apenas uma nota de R\$50,00 de cada um, duas do Júlio, que era o mais rico, para não correr risco de alguém usar isso como justificativa para ficar

me procurando por aí. Eu sabia que eles eram filhinhos de papai demais, desorganizados demais, com a vida fácil demais para perceber o sumiço de pouca quantia.

Meus novos colegas de apartamento não comentaram nunca da minha outra casa e me deram esse enorme alívio de não quererem saber que desgraça de vida que eu tinha. Com eles eu era só Mel, que trabalhava nas noites no bar por um salário mínimo, sabia tudo de roupa, maquiagem e performance e gostava de encontrar as caminhões que eles achavam umas gracinhas. Eles não perguntavam do meu passado, da minha identidade, nem de por que eu andava com quem andava ou me interessava por quem me interessava. O apartamento era minúsculo e eu tinha que dormir na sala, mas isso era a última coisa do mundo que me aborreceria. Eu só esperava que não aborrecesse a eles, porque eu queria morar ali por muito tempo.

Elas trazem o boneco para dentro, pedem minha ajuda para os últimos retoques de costura. Vestir a farda no boneco. Fechar os botões. Pintar um rosto para ele. Ajeitar os cabelos. Pausa para decidir se fazemos um capacete ou um quepe. Então uma delas traz. Duas bolas de algodão com feltro costurado ao redor, um cilindro também de feltro. Para costurar entre as pernas dele. Ou dela?

Fujo para o banheiro feminino. Ninguém por perto, mas, tenho que admitir, suas amigas foram melhorando com o tempo nas estratégias para não se incomodarem. Fecho a porta da cabine, baixo o shorts, tiro o pau pra fora, mijo em pé. Com orgulho, sabe? Orgulho de tanto ódio que eu sinto dessa gente, orgulho de ser uma mulher trans lésbica, com piroca mesmo, o contrário de ordinária, a infiltrada, um perigo para a comunidade.

Pego um canetão da minha bolsa. Um provável dildo, sem nem precisar de tanta imaginação. Ai, elas iriam ficar tão furiosas se lessem meus pensamentos. Essa ideia me delicia. A gente tem que ficar toda hora reinventando maneiras de existir. E escrevo na porta:

*Atrás da cortina de névoa que é sua bolha de felicidade ficam todos os outros.*

No pátio, a boneca fardada com pinto arde em chamas.

## Ivan da novela

Eu estava disposto a atravessar a cidade para encontrar amigos. Pegaria três ônibus integrados de EMTU, porque era mais barato que pegar ônibus e metrô e o tempo provavelmente seria o mesmo: pelo menos duas horas. No mapa, não parecia que meu trajeto iria cruzar nem um quinto de cidade. Grande assim, só podia ser São Paulo.

Muito rolês LGBTs, muita velocidade, muitas subcelebridades, muitas atividades culturais, muita droga boa. Muita grana envolvida, muitas horas de locomoção, muita gente viciada, sempre cada um por si. Para mim, São Paulo era mais ruim do que bom.

Caminhei até o ponto e, depois de uma espera breve e a confirmação do motorista de que eu estava indo na direção certa, entrei no ônibus elétrico que iria até o terminal mais próximo. Foi lá que eles embarcaram. Umas quatro crianças, conduzidas por duas adolescentes.

Crianças muito soltas, crianças barulhentas, crianças em grande quantidade não agradavam o resto das pessoas. Queriam crianças quietas e sentadas, não em movimento, para combinar com o tédio do trânsito que viam pela janela. Como eu não gostava mesmo de ficar

parado, não tinha motivo para lhes negar atenção, então fui escolhido para ser o amigo novo de viagem.

Começou com a dança. Eles faziam música. Escalavam os bancos. Penduravam-se nos ferros. Sentavam-se ao meu lado. Mais um pouco e pulariam no meu colo. Então quiseram conversar. Até que:

– É menino ou é menina? – Ela estava entre as mais jovens e era tão agitada quanto carinhosa.

– Deixa de ser tonta. É o Ivan da novela. – A adolescente mais nova, que não devia ter mais que treze anos, explicou, acrescentando, por garantia: – Não é mesmo?

Concordei prontamente. Rapidamente fui batizado. A partir da criação do nome, as crianças quiseram saber mais: se o Ivan tinha namorada, se o Ivan se vestia sempre assim, se o Ivan era bom dançarino, se já tinha feito sexo, se sabia o que era um boquete. As perguntas continuaram e, para desespero silencioso dos passageiros, respondi todas elas.

Lá fora o barulho dos carros e dentro o barulho das crianças cantando funk, sarrando nos bancos, montando nos encostos. Eu rindo. O povo olhando. O povo olhando as crianças pervertidas. O Ivan pervertido. As crianças se expondo ao rebolar a bunda. O Ivan se

expondo andando pela rua desse jeito. As crianças e o Ivan chamando atenção. O Ivan dando atenção para elas, as outras pessoas tentando ignorar. As crianças incomodando o Ivan. O Ivan pervertendo as crianças. O povo olhando e olhando. Ou olhando para os lados, para não ver muito. As crianças e o Ivan atrapalhando os olhos do povo.

Então, depois de uma hora e quarenta minutos, chegamos ao segundo terminal. Eu ainda tinha mais um pela frente. As crianças ficariam por ali mesmo. Fizeram uma despedida animada. Entrei em meu terceiro ônibus. Todos os assentos foram ocupados, para mim, porém, ele continuou completamente vazio.

Mais meia hora e eu havia chegado finalmente. Torci para os meus amigos estarem com bateria, enquanto digitava: *onde nos encontramos?* Mandaram mensagem. Sentiam muito, mas já tinham ido embora. Uma mulher veio oferecer a palavra de Cristo. Expliquei, mais alto que o necessário, que eu era de Satanás.

## Para desobedecer

Leo acordou cedo naquela manhã. Os outros moradores da casa ainda não tinham se levantado. Era o primeiro dia de sol depois de muita chuva. Comeu apressado o que tinha sobrado da noite anterior e bebeu um gole de água. Espiou rapidamente seu reflexo numa das poças do quintal e, satisfeito com o que viu, saiu pelo portão do pátio.

Deu uma corridinha apenas para não perder o costume nem a disposição física e chegou à praça mais próxima de sua residência, grande o suficiente para ter árvores e pombos com os quais se entreter. Não havia ainda quase ninguém por ali. Sentia-se apertado, a água talvez já tivesse feito seu caminho pelos rins, então fez xixi no primeiro arbusto que encontrou. Observou um gato e, travesso, começou a latir. Leo, afinal, era um cachorro.

O gato, porém, não se moveu, nem pareceu escutar. Seguiu seu caminho. Leo ensaiou persegui-lo, mas apenas soltou algo parecido com um rosnado, frustrado. Não era a primeira vez. Na esquina que dava na praça, havia uma casa de pátio grande, com um cão no jardim. Leo ficou feliz de vê-lo, valia a pena trocar umas cheiradas,

talvez até fazer amizade. Dirigiu-se para lá animado, cumprimentou o outro e foi chegando mais perto.

O cachorro começou a latir. Não amigável, nem territorialista. Bravo. Leo insistiu, aproximou-se, cheirou a bunda do novo conhecido por entre as grades. Ele ameaçou mordê-lo. Os latidos já tinham lhe avisado antes. Eram latidos de predador, não de um cão para o outro. Leo era a presa.

Começando a pensar que esse dia estava com potencial de ser bem pior do que ele tinha planejado, Leo agradeceu mentalmente que o outro fosse prisioneiro. Voltou para a praça e deitou-se para tomar sol. Ainda era cedinho, fazia um pouco de frio. Uma criança passeava de mãos dadas com a mãe. Ao vê-lo, gritou:

– Olha o miau!

Leo escolheu supor que não era com ele, afinal, não estavam respeitando sua identidade. A criança foi chegando mais perto, as mãos em sua direção, prontas para agarrá-lo.

– Carinho. – A mãe disse. – Tem que fazer carinho no gatinho. Não bater.

Era impressionante como os humanos, mesmo desconhecidos, não tinham a menor noção de espaço

alheio. Leo conteve-se para não unhar as mãozinhas que vinham em sua direção. Ainda tinha que trabalhar internamente alguns comportamentos do seu antigo eu. Em vez disso, saltou veloz para longe e começou com seus latidos. A mãe agarrou a criança pelo braço:

– Vamos embora, minha filha, esse gato aí deve ser doente.

Cansado do mundo, Leo, ali mesmo, tirou um breve cochilo. Acordou surpreendido com um esvoaçar de pombas próximo. Era Lili, que passeava saltitante, o rabo balançando. Seus donos a criavam solta e ela era amiga de vários vira-latas. Leo a via com frequência pelas ruas e tinha vontade de conhecê-la melhor. Aproximou-se da cadela sem hesitar, pois ela não tinha o costume de latir ou persegui-lo. Em verdade, ela bem mais o ignorava. Lili foi indo de árvore em árvore, cheirando tudo e afastou-se da praça, seguindo seu faro. Leo foi atrás, às vezes pertinho, às vezes distante. Ao encontrar seus amigos, devorando restos de lixo em uma esquina, Lili correu faceira na direção deles. Leo ficou onde estava. Não sabia se devia ousar se mexer.

Lili olhava para ele mas não o via. Não o via como um igual, como alguém de sua espécie, como alguém minimamente suficientemente interessante. Leo achava que era tão interessante, ele havia ido tão longe,

aprendido tanto, feito tantas coisas. Havia criado uivos de trovão e de lobo com sua voz do fundo da garganta. Foi franco e profundo quando seria, se pudesse, tão blasé. Mas forçou-se a não ser, a se importar, a se deixar tocar, a se mover. Tantas vezes Leo havia desejado apenas dormir o dia inteiro e parar de se incomodar em tentar fazer de sua existência algo mais marcante que um sonho. Ainda assim, estava ali, desperto, alerta, arriscando. Para que mesmo?

Mas Lili não via essas coisas, não sabia, não se tocava por elas. Preferia estar com outros, outros corpos, maiores que o de Leo, mais ferozes, mais peludos. Aqueles com os quais ela já sabia tudo que iria acontecer e só precisava ir vivendo como roteiro de uma peça que, sinceramente, no fim não surpreenderia ninguém. O desconhecido amedronta, mais fácil seguir o que está dado. E o corpo de Leo, o seu mundo, o seu ser, eram todos desconhecimentos.

Quando não encontraram mais comida, os cachorros encararam aquele que, julgavam, mais se diferia deles. Lili deu umas latidas, explicando algo que, por mais que se esforçasse, Leo não compreendia, culpava a distância. A tensão estava perto de romper-se quando ele apareceu: um humano. Aproximando-se da lixeira, quase entrou dentro dela, procurando objetos e enfiando-os em sua sacola.

Todos olhavam para Leo, e ele sabia o que pensavam: Leo precisava latir, odiando. Precisava perseguir aquele humano. Era a prova que eles queriam, era o que ele tinha que dar.

Leo fitou o humano, e não é que fosse difícil odiar humanos, mas aquele, especialmente, que não era jovem, andava torto e carregava um sacolão cheio de latas de alumínio, era tão difícil de detestar, de sentir raiva daquele jeito suficiente para se mover por isso. Mover-se como eles queriam: correndo, latindo, perseguindo, pondo medo. Então Leo deixou-o ir embora, seguir seu caminho normalmente, sem saber o que quase lhe aguardou e de tudo que significara, tudo o que a não-ação tinha colocado em jogo. Os outros começaram a latir, com ódio e chacota, não, porém, para o humano, mas para Leo. Ele havia comprovado o que todos já sabiam: não era um cachorro de verdade.

Leo foi embora antes que o atacassem. Sabia que não conseguiriam, sempre era o mais rápido. Contudo, seu desânimo era tanto que pensava que talvez suas patas simplesmente desistissem no meio, simplesmente deixassem que o perigo o alcançasse. Não tinha vontade de tentar permanecer na praça. Foi direto para casa.

Bebeu um pouco mais de água e enfiou-se nos canteiros do pátio, preparando-se para dormir mais uma

vez. A realidade desperta trazia muito pouco de bom. Todavia, a humana que ele mais gostava entre seus companheiros de moradia o viu pela janela e veio até ele. Leo ficou com medo que ela fosse brigar por causa da caixinha de areia intocada, agora ele fazia suas necessidades no jardim ou na rua. Porém, em vez disso, a mulher começou a acariciá-lo.

– Estava com saudade, Leozinho. Onde você foi? Sempre querendo passear.

Leo levantou-se e animou-se com o afago. Ficou pulando nas pernas da bípede. A humana ria. Leo catou um graveto entre as plantas com a boca e mostrou para a mulher, que puxou a fina madeira de seus dentes com facilidade e jogou-o longe, dando sonoras gargalhadas quando Leo foi lá buscar.

– Ah, você não existe. – Ela fez carinho em sua cabeça quando o animal voltou.

Leo não entendeu bem o que a humana queria dizer. Alguma coisa diferenciava a sua existência da dos outros? Ficou olhando e olhando para ela. Então agarrou seu graveto com a boca, virou-se de costas e foi roê-lo bem longe. A bípede riu mais, tirou o seu objeto preferido do bolso, emitiu uma luz fortíssima nos olhos do seu bichinho de estimação e voltou para dentro de casa.

Leo sentiu-se um pouco sozinho. Mas isso não precisava ser algo ruim. Do fundo, muito do fundo, puxou algo entre um latido e um uivo. Não havia lua, então lançou-o em direção ao sol. Isso bastava. Não precisava que ninguém entendesse.

Desde que decidiu ser, ainda que sem os outros, foi como se Leo se livrasse do peso da incompletude, como se pudesse parar de existir em sociedade e de considerar o que pensavam. Ele acordava de manhã, bebia água e lembrava-se: sou um cachorro e farejo como um cachorro, ajo como um cachorro, penso como um cachorro, corro, lato, ando, brinco como cachorro. Existo enquanto cachorro.

Os outros, muitos dos outros, supunham que ele era um gato. Leo decidiu que não mudava em nada.



### Sobre o autor:

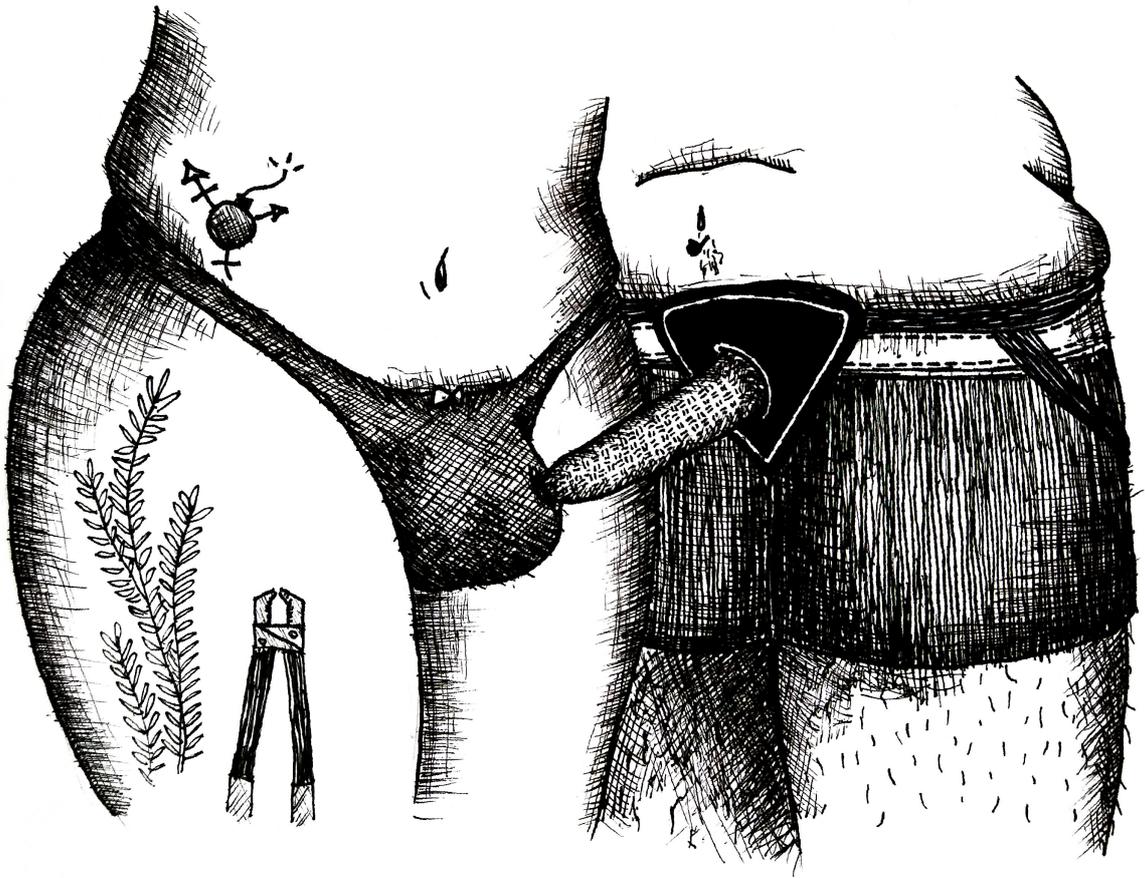
Sou uma pessoa transmasculina de 1994. Escrevo desde que aprendi, projetos autorais e de tradução. Gosto de histórias sobre coisas e pessoas que normalmente não são contadas e procuro que minha escrita traga um pouco desses tão diversos mundos que não são o padrão. Também me sustento da criação autônoma de cosméticos naturais e busco construir redes de apoio entre pessoas LGBTQ+.

Instagram: @edissidente

Twitter: @edissidente

Site: *edissidentes.wordpress.com*

Esse livro encontra-se disponível gratuitamente em versão digital e em formato de audiolivro, hospedados no site a cima.



*1ª edição*

*Essa obra foi composta por Alcan em fonte Courier 10 Pitch e ilustrada por Pan em agosto de 2021.*